

A gente é da hora: Homens negros e masculinidade

Gustavo Pereira Rodrigues¹

hooks, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidades**. São Paulo: Elefante, 2022.

Ao longo do tempo, os estudos sobre masculinidades foram enriquecidos por perspectivas interseccionais e críticas. A interseção entre gênero, classe e raça é enfatizada, especialmente no que diz respeito à masculinidade negra e às suas experiências de racismo e marginalização. Tais abordagens fornecem uma visão crítica e abrangente das complexidades das masculinidades em relação a questões sociais, culturais e políticas, bem como na forma como os homens performam – ou não – suas masculinidades, baseados em *scripts* impostos pela sociedade (MEDRADO E LYRA, 2014; BUTLER, 2018). Nesses estudos, também são destacados os aspectos emocionais da masculinidade e o impacto do machismo nas relações afetivas (ZANELLO, 2020).

Publicado nacionalmente pela editora Elefante, *a gente é da hora* teve seu primeiro lançamento nos Estados Unidos da América, intitulado como *we are cool*, em 2004, quando bell hooks identificou o vazio temático sobre masculinidades negras. No Brasil, a obra acabou por ser lançada em 2022, com edição da Elefante – assim como outras obras da autora.

¹ Psicólogo (UNIGRAN) e Mestrando em Psicologia (UFGD). Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). psicologo.gustavopr@gmail.com.

O livro é dividido em 10 capítulos, tendo como preâmbulo uma apresentação, um prefácio à edição brasileira, uma nota de tradução e o prefácio original². A posteriori, logo no fim do livro, a editora Elefante apresenta um resumo de quem é bell hooks, proporcionando, de forma breve, uma possibilidade de comparação da obra com a vida da pesquisadora.

bell hooks (1952-2021) foi uma escritora, pensadora, professora e ativista negra norte americana. Embora batizada como Gloria Jean Watkins, ela utilizou publicamente o nome de sua avó materna, sempre com as iniciais em letras minúsculas, buscando evitar um foco na autora, com a esperança de que a obra seja valorizada. hooks foi um grande acréscimo para lutas antirracistas e feministas.

A apresentação possui reflexões redigidas pelo ator brasileiro Lázaro Ramos, intitulada *farol do desassossego*. Assim como o título sugere, dá-se um pontapé nas inquietações que a obra apresentará e suscitará nos/as leitores/as. Um dos aspectos centrais problematizados por Ramos refere-se à ausência de espaços de acolhimento e conforto para pessoas negras – de modo particular para os homens negros.

No item seguinte – *por uma ética da responsabilidade e autodeterminação, ou como podemos ser da hora* – recebemos a rica contribuição do sociólogo brasileiro Túlio Custódio. Ele faz uma breve apresentação de hooks e algumas de suas obras, assim como as temáticas associadas ao livro em questão e alguns possíveis desdobramentos que serão vistos. Custódio ainda se encarrega de explicar sobre a forma como hooks escreve/fala, citando o termo “sociedade patriarcal capitalista supremacista branca imperialista”, ao qual a pesquisadora se detém ao longo de toda a obra.

A tradução de *a gente é da hora* foi assumida por Vinícius da Silva³, que demonstrou sensibilidade ao utilizar expressões e terminologias de fácil compreensão

² Por se tratar de uma obra traduzida, há dois prefácios, um escrito pelo sociólogo Túlio Custódio ao referir-se à edição brasileira, enquanto o outro é próprio da autora.

³ Escritor, artista e tradutor. Graduado em Artes Plásticas (UFRJ).

da língua portuguesa – a própria escolha do título já diz respeito à intervenção do tradutor.

No que se refere ao conteúdo da obra, o prefácio recebe o título “sobre homens negros: não acredite no *hype*”⁴, onde a autora inicia algumas reflexões gerais que envolvem os temas: amor, masculinidades, negritude, dominação masculina, colonização, entre outros. É notória a rebuscada teoria conduzida por hooks, que já demonstra algumas de suas bases, como os sociólogos e ativistas dos direitos humanos Malcolm X e W.E.B. Du Bois. Ao longo do prefácio, hooks critica, também, a ausência dos homens negros na busca por representatividade quando se trata do tema das masculinidades. Alega que sua escrita é uma tentativa de dar luz a algo que não é de sua responsabilidade, mas que ela faz de coração cheio, no aguardo de outros seguirem seus passos.

Logo no primeiro capítulo, intitulado como “patriarcado da *plantation*”⁵, hooks traz um raciocínio sobre a colonização norte-americana, envolvendo críticas ao que a autora chama de brancos não esclarecidos – pessoas não submetidas ao pensamento crítico [N.E.] – e à tentativa incessante de manutenção do racismo e machismo. Pontua também sobre a falha dos homens negros ao abrirem mão de suas particularidades em relação às próprias masculinidades em busca de reproduzir a masculinidade do homem branco.

Em seguida, no capítulo “cultura *gangsta*”⁶: participação nos lucros”, a autora correlaciona a vivência de pessoas negras, a comparação dos negros com os brancos, o capitalismo e a submissão socioeconômica gerada a partir desses encontros. Ela segue questionando, de forma crítica, a forma como homens negros buscam cada vez mais se

⁴ “O termo inglês *hype*, embora usado no Brasil, pode ser compreendido como ‘propaganda excessiva’ ou ‘propaganda hegemônica’ (em contextos de representações na mídia). Aqui, a autora o emprega no contexto da representação dos homens negros” [Nota do tradutor]

⁵ “Sistema de exploração colonial baseado no latifúndio e na força de trabalho escravizada, com monocultura de produtos como cana-de-açúcar, café e algodão e exportação para a metrópole” [Nota do tradutor]

⁶ “Termo derivado de *gângster*, membro de *ganguê*, criminoso” [Nota da escritora]

aproximarem dos homens brancos. Numa perspectiva quase correlata ao que Welzer-Lang (2001) descreve sobre a “casa dos homens” quando se remete ao Grande homem e aos outros homens, sendo esse Grande homem uma figura de idolatria, aquele que guia o bando, dita as regras, é apreciado e não comete erros – ou quando comete tem seus *brothers* para defende-lo (ZANELLO, 2020). Posto isto, é possível a reflexão entre Welzer-Lang e hooks, quando se pensa nas relações entre homens brancos e homens negros, sendo os brancos os Grandes Homens dos negros, o ideal a ser buscado, como exposto no capítulo aqui comentado. As relações entre homens na casa dos homens são atravessadas inevitavelmente por um teor de raça, gênero, sexualidade e classe, influenciando diretamente em como essas relações serão estruturadas no jogo entre o Grande Homem e os outros homens; homens negros de classes econômicas inferiores, por exemplo, buscarão homens brancos ricos para se espelhar.

No terceiro capítulo, “escolarização de homens negros”, hooks explora a dificuldade de entrada no processo de educação para meninos negros, comparando com a insistência de que esse espaço deve ser ocupado pelas meninas, enquanto os meninos devem aprender a trabalhar. hooks também confronta a distinção entre homens brancos e negros em relação à busca pela educação e intelectualidade. “A curiosidade, que pode ser considerada sinal de genialidade em um garoto branco. É vista como um problema quando expressada por um menino negro” (2022, p.93).

Em continuidade, no capítulo “não me obrigue a machucar você: homens negros e violência”, a autora reflete sobre a construção histórica e social de que homens negros são estereotipados como “selvagens, fora de controle, incivilizados e predadores da natureza” (2022, p.109). Mesmo assim, hooks confronta que homens negros acabam, muitas vezes, assumindo esse papel estereotipado para afastar pessoas brancas, “afinal, se você já é visto como uma fera, pode agir como tal” (2022, p.111). hooks ainda faz um apanhado aqui sobre a interferência da mídia e da música na criação de meninos negros,

mas destaca também em como a criação dentro do núcleo familiar constrói homens negros violentos, moldados para odiar seus iguais e seus diferentes.

No quinto capítulo, “coisa de homem: além da performance sexual”, bell hooks comenta que a imagem do estuprador negro vem sendo construída a partir de “imposições de fantasias sexuais pornográficas machistas racistas brancas” (2022, p.137). O capítulo aborda sobre o não prazer sexual que homens negros lançam mão nas relações sexuais, apenas para cumprir o papel de seres famintos por sexo, ocupando uma posição de animalidade. Tal como em todo o sistema patriarcal branco que rege a sociedade, homens negros acabam por reproduzir performances de gênero e sexualidade copiadas do que foi estabelecido por ele, seguindo um *script* de como ser e agir a fim de perpetuar todas as condições que interseccionam as relações sociais quando dito sobre as masculinidades (ZANELLO, 2020; BUTLER, 2018, MEDRADO E LYRA, 2014).

hooks segue dialogando com a raiva de homens negros no capítulo “de meninos raivosos a homens raivosos”, fazendo uma crítica ao sistema patriarcal que impõe que homens só são responsáveis quando se tornam provedores da casa, ou seja, quando têm um emprego. Contudo, homens negros não conseguem acessar empregos tão facilmente e nem reconhecidos da mesma forma como os homens brancos, o que resulta em uma autoestima minada e vinculada aos valores brancos, machistas e patriarcais.

Em “esperando papai voltar para casa: parentalidade masculina negra”, hooks faz uma crítica tanto às famílias brancas quanto às negras, no sentido de que o que foi televisionado sobre famílias em programas de TV sempre se referiu a fantasias distantes da realidade. Em seguida, expõe sobre o primeiro programa de TV sobre famílias negras ⁷ que trouxe a mesma ideia do programa dos brancos: um pai “adorável, gentil, protetor e provedor” (2022, p.184). Por fim, problematiza que a paternidade ideal não ultrapassa as telas da televisão, onde, na vida real, as violências, abusos e descasos acontecem.

⁷ *The Cosby Show*, programa da década de 80.

Por sua vez, em “fazendo o trabalho do amor”, hooks contempla o questionamento da busca dos motivos pelos quais a sociedade associa o relacionamento romântico entre homens e mulheres negros (as) como algo ruim e que quase nunca dá certo. Ao contrário, a autora aponta justamente para a possibilidade da existência do amor entre pessoas negras. Mais uma vez, a autora acentua os efeitos do patriarcado em tais representações sociais, dizendo que “a cultura dominadora cria disfunção familiar” (2022, p.205), por ser geradora de uma expectativa normativa e que sempre será desfavorável para pessoas não correspondentes ao que é esperado. Zanello (2020) propõe que as relações entre homens e mulheres se fundem na objetificação sexual, em que a relação é possível apenas a partir da ideia de domínio e controle do homem sobre a mulher.

O penúltimo capítulo, “curando a ferida”, carrega muita dor e alívio, remetendo aos sofrimentos sofridos por pessoas negras, quase a resumindo todas as dores discutidas durante o livro. A autora conversa de forma sensível e acalentadora sobre a fragilidade no sofrimento afro-estadunidense, seja sobre homens ou mulheres. “As portas da alma foram fechadas para muitos homens negros. E é quando eles destrancam essas portas e encontram a coragem de entrar que se redescobrem” (2022, p.245).

Por fim, no último capítulo, “da hora é ser real”, a autora retoma alguns assuntos já abordados ao longo do livro – como o *blues* e o *hip hop* – para, junto com novos argumentos críticos, como o da fuga do *hype* que alguns homens negros buscam, contextualizar a realidade da tentativa da criação de uma masculinidade negra atual, consciente e saudável. “A masculinidade negra ‘da hora’ foi definida por indivíduos negros que ousaram se autodefinir em vez de serem definidos por outros” (2022, p.247)

De forma provocante, a obra se faz essencial para quem busca um aprimoramento no pensamento crítico, não de forma superficial, mas sim numa busca de conseguir questionar diversos âmbitos de uma sociedade que é sustentada nos valores da branquitude-patriarcado-capitalismo. bell hooks, ao debruçar-se sobre as

masculinidades negras, nos permite a desconstrução de preconceitos e estereótipos ao mesmo tempo que nos permite pensar em outras configurações possíveis onde o homem negro tenha a possibilidade de (des)repensar, em termos de fugir da normatividade que a sociedade patriarcal capitalista supremacista branca imperialista, a construção das masculinidades em caminhos decoloniais e com interfaces de gênero e sexualidade, sejam homens negros que possam elaborar suas vivências sem o teor social da agressividade – como bem criticado no livro – ou, até mesmo, vivências trans e homoafetivas desses homens. O livro é uma valiosa contribuição para todas as pessoas interessadas no debate sobre masculinidades a partir de uma perspectiva crítica e interseccional.

Referências

- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. (Original publicado em 1990).
- MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades**. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 55-74.
- ZANELLO, Valeska. **Masculinidades, cumplicidade e misoginia na “Casa dos homens”**: um estudo sobre os grupos de whatsapp masculinos no Brasil. In: *Gênero em perspectiva / Larissa Ferreira (organizadora)* – Curitiba: CRV, 2020.
- WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. ESTUDOS FEMINISTAS. Ano 9. 461-482. 2/2001. Tradução de Miriam Pillar Grossi.

Recebido: 01/04/2023

Aceito: 20/06/2023